

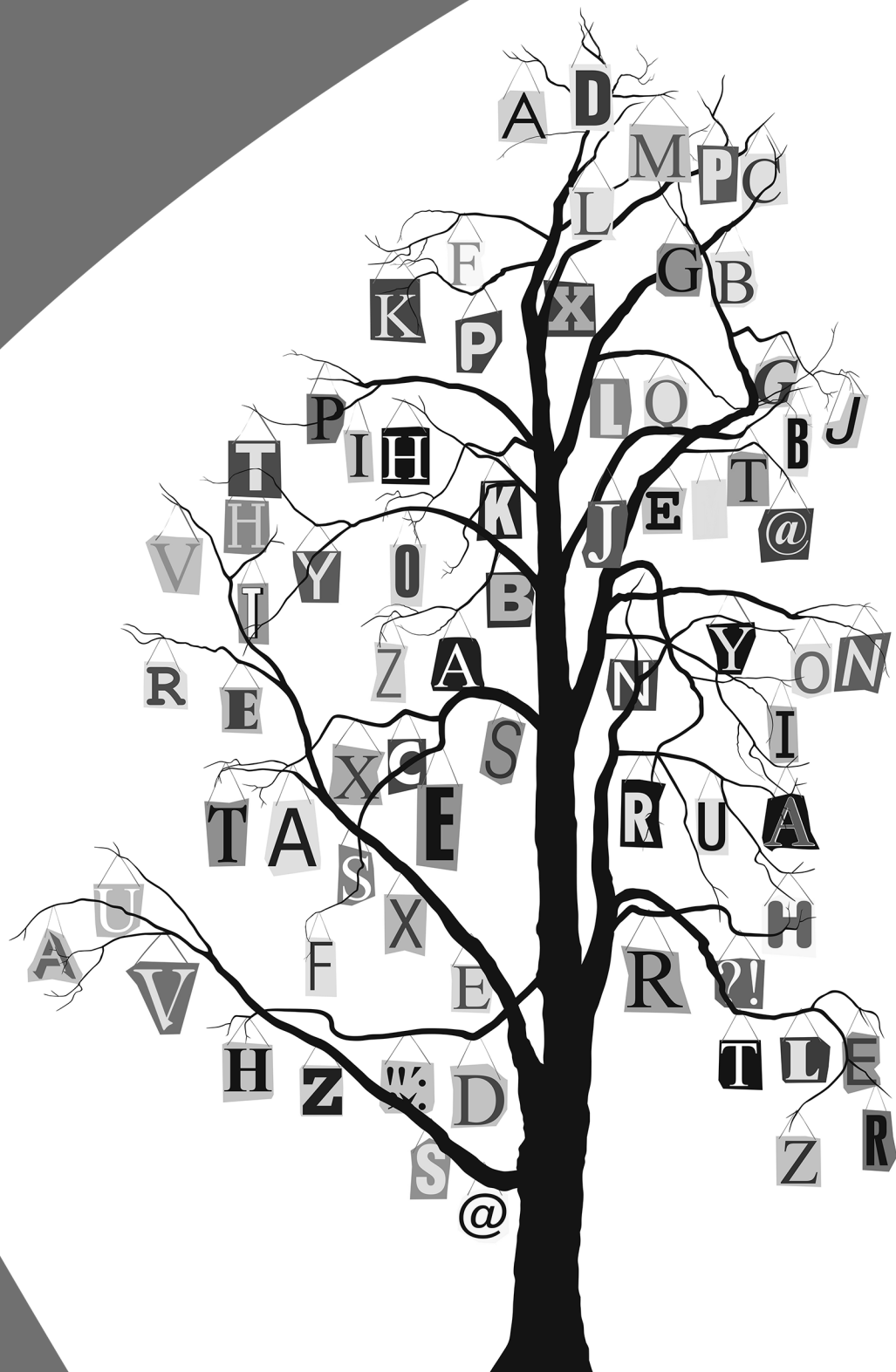
(In) Subordinações Contemporâneas Linguística, Letras e Artes 2

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)



(In) Subordinações Contemporâneas Linguística, Letras e Artes 2

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)



2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Geraldo Alves

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano

Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
 Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
 Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
 Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
 Prof^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
 Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
 Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof^a Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Prof^a Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
 Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Prof^a Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
159	<p>(In) Subordinações contemporâneas [recurso eletrônico] : linguística, letras e artes 2 / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-86002-18-8 DOI 10.22533/at.ed.188202802</p> <p>1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes. 3. Letras. 4. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de.</p> <p style="text-align: right;">CDD 407</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Neste e-book as reflexões giram em torno dos estudos voltados para as áreas da linguística, da literatura e das artes. Não é uma obra, unicamente, composta por estudos e investigações linguísticas, tampouco destinadas somente ao fazer literários e ao estudo das artes. Estas reflexões são constituintes de uma coletânea plural das ideias e dos conhecimentos que aqui se apresentam, assim como devem ser todas as investigações que têm o ser humano como principal agente de problematizações e soluções.

Os trinta e três capítulos que dão formatos e sentidos à obra estão no mesmo patamar das propostas em que é valorizada cada forma como os seus autores se debruçam sobre seus escritos, suas análises e suas investigações, denotando que o ser humano é, por excelência, um sujeito que está envolvido e inserido na linguagem para entender outros contextos comunicativos, poéticos, estéticos e discursivos.

Todos os capítulos são necessários e imprescindíveis para a efetivação desta obra, pois felizes e ousados são os autores que se propuseram a demonstrar como os diferentes conhecimentos estão sendo formulados e construídos nos diferentes contextos de realização da linguagem.

Em cada capítulo a presença das marcas singulares é latente, porque a linguística utiliza-se da literatura e da arte para criar seus objetos de investigação, análise, estudo, problematização e de construção de sentidos, visto que é na linguagem que os questionamentos podem tomar formas em propostas e sugestões. Assim como a literatura se utiliza da arte, a arte refaz o mesmo caminho da literatura e da linguística, mas de maneira mais singular, porque cumpre a nobre missão de nos encantar.

As (in) subordinações semânticas que compõem esta obra se justificam pela diversidade de conhecimentos e de saberes estruturados contidos em cada parte deste e-book. Entendê-las e construir pontes dialógicas na formação cognitiva do sujeito são algumas das funções dos trinta e um capítulos que formatizam as ideias lançadas nesta coletânea plural.

Assim, todos os autores que aqui se propuseram, fazem votos de que os leitores, principais interlocutores desta obra, encontrem as respostas para seus questionamentos e, mais ainda, sejam capazes de elaborar outras questões na criação de possibilidades que se estabelecem em uma cadeia interconectada de saberes.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
AS LÍNGUAS ESTRANGEIRAS NOS EXAMES DE PROFICIÊNCIA DAS UNIVERSIDADES DE SANTA CATARINA	
Cassiane Lemes Batista Tadinei Daniel Jacumasso	
DOI 10.22533/at.ed.1882028021	
CAPÍTULO 2	10
A LINGUAGEM DOS PERIÓDICOS DE ÉPOCA, EM TORNO À ESCRAVIDÃO	
Maria Lucia Mexias-Simon	
DOI 10.22533/at.ed.1882028022	
CAPÍTULO 3	18
LETRAMENTOS E ESTRATÉGIAS DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: DO DISCURSO À PRÁTICA	
Indionara de Matos Márcia Adriana Dias Kraemer	
DOI 10.22533/at.ed.1882028023	
CAPÍTULO 4	32
LETRAMENTOS MULTISSEMIÓTICOS: O AUDIOVISUAL COMO RECURSO PEDAGÓGICO NO ENSINO DE LÍNGUAS	
Ana Paula Domingos Baladeli	
DOI 10.22533/at.ed.1882028024	
CAPÍTULO 5	43
SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS NO ENSINO DE GRAMÁTICA E GÊNEROS DE TEXTOS	
Ivan Vale de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.1882028025	
CAPÍTULO 6	65
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA PARA ALUNOS SURDOS EM UMA ESCOLA BILÍNGUE NA CIDADE DE IMPERATRIZ-MA	
Nereda Lima de Carvalho Hávila Sâmua Oliveira Santos	
DOI 10.22533/at.ed.1882028026	
CAPÍTULO 7	74
PERSPECTIVAS E POSSIBILIDADES DA COMPREENSÃO AUDITIVA EM LÍNGUA INGLESA VIA <i>MOODLE</i>	
Gabriel Marchetto	
DOI 10.22533/at.ed.1882028027	

CAPÍTULO 8	85
TRABALHANDO A ORALIDADE ATRAVÉS DA MÍDIA PODCAST NO ENSINO FUNDAMENTAL	
Sidinei Mateus Schmidt Fabiana Diniz Kurtz Taíse Neves Possani	
DOI 10.22533/at.ed.1882028028	
CAPÍTULO 9	93
MONITORIA DE LEITURA E DE PRODUÇÃO TEXTUAL NA UNIVERSIDADE: LETRAMENTOS PARA AS PRÁTICAS SOCIAIS	
Pamela Tais Clein Capelin Márcia Adriana Dias kraemer	
DOI 10.22533/at.ed.1882028029	
CAPÍTULO 10	105
RÁDIO NA FEIRA: DISCURSO E ORALIDADE NO VIÉS DA LITERATURA	
Darlise Vaccarin Fadanni	
DOI 10.22533/at.ed.18820280210	
CAPÍTULO 11	117
CONCEPÇÃO DA LINGUÍSTICA APLICADA EM UM PROJETO DE CURSO DE PÓS GRADUAÇÃO	
Daniele Santos Rocha Emerson Tadeu Cotrim Assunção Juliana Alves dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.18820280211	
CAPÍTULO 12	128
UMA VISÃO SOBRE OS GÊNEROS LITERÁRIOS AO LONGO DA HISTÓRIA	
Lídia Carla Holanda Alcântara	
DOI 10.22533/at.ed.18820280212	
CAPÍTULO 13	150
TRAVESSIAS ÉTICO-POLÍTICAS: ESTUDOS EM ATUAÇÃO	
Tânia Tiemi Ikeoka	
DOI 10.22533/at.ed.18820280213	
CAPÍTULO 14	163
UM ESTUDO COMPARADO ENTRE AS OBRAS <i>SIMÃO DIAS</i> E <i>O CORTIÇO</i> , NAS PERSONAGENS LUISA, DO CARMO E POMBINHA	
Rosa Gabriely Monteiro Fontes	
DOI 10.22533/at.ed.18820280214	
CAPÍTULO 15	173
A SERIEMA, A CIDADE E A MULHER NA POÉTICA DE APARECIDO ALVES MACHADO	
Erick Vinicius Mathias Leite Altamir Botoso	
DOI 10.22533/at.ed.18820280215	

CAPÍTULO 16	193
SUBORDINAÇÃO E SUBALTERNIDADE DA MULHER INDÍGENA EM <i>CRIADA</i> (2009), DE MATÍAS HERRERA CÓRDOBA	
Larissa Natalia Silva Rosangela Schardong	
DOI 10.22533/at.ed.18820280216	
CAPÍTULO 17	206
PROTAGONISMO FEMININO NO CÁLIX DE VINHO DE JULIANA	
Jeane de Cássia Nascimento Santos Antonio Marcos dos Santos Trindade	
DOI 10.22533/at.ed.18820280217	
CAPÍTULO 18	217
MEMÓRIA, HISTÓRIA E ANCESTRALIDADE NO ROMANCE <i>UM DEFEITO DE COR</i> , DE ANA MARIA GONÇALVES	
Ramon Rocha Ribeiro Cristian Souza de Sales	
DOI 10.22533/at.ed.18820280218	
CAPÍTULO 19	232
ANÁLISE DA CARGA NEGATIVA DA SOMBRA NA <i>MISE-EN-SCÈNE</i> DO CINEMA EXPRESSIONISTA	
Juan Francisco Celín Robalino	
DOI 10.22533/at.ed.18820280219	
CAPÍTULO 20	247
O MALANDRO NO CONTO “O HOMEM QUE SABIA JAVANÊS”, DE LIMA BARRETO	
Victória Nantes Marinho Adorno Altamir Botoso	
DOI 10.22533/at.ed.18820280220	
CAPÍTULO 21	259
QUE FOGO NOS TRAZ ESSE PROMETEU MODERNO: AS TRÊS FASES DA ESCRITA FEMININA DE ELAINE SHOWALTER EM <i>FRANKENSTEIN</i> DE MARY SHELLEY	
Ana Claudia Oliveira Neri Alves Algemira de Macêdo Mendes	
DOI 10.22533/at.ed.18820280221	
CAPÍTULO 22	270
INOVAÇÃO EDUCACIONAL: O FENÔMENO DA TRANSMÍDIA NA VIDA ESCOLAR DOS JOVENS DE BREVES-PA, ILHA DO MARAJÓ	
Valéria de Oliveira Pena Borges Bruno Diego Fernandes Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.18820280222	

CAPÍTULO 23	275
MÚSICA, ALFABETIZAÇÃO E FOLCLORE: POSSÍVEIS INTERLOCUÇÕES	
Cibele Machado Maier Cristina Rolim Wolffenbüttel	
DOI 10.22533/at.ed.18820280223	
CAPÍTULO 24	283
O CORPO EM <i>BREATH, EYES, MEMORY</i> : DESLOCAMENTO,TRAJETÓRIAS E POSICIONAMENTOS	
Juliana Borges Oliveira de Moraes	
DOI 10.22533/at.ed.18820280224	
CAPÍTULO 25	293
PENSANDO O CORPO CÔMICO NA DANÇA	
Diego Mejia Neves Clara Gouvêa do Prado Leonardo Birche de Carvalho Mariana dos Reis Gabriel	
DOI 10.22533/at.ed.18820280225	
CAPÍTULO 26	300
DESAFIOS DO LICENCIADO EM DANÇA:DA GRADUAÇÃO AO MERCADO DE TRABALHO	
Juliana Ramos Buçard do Carmo	
DOI 10.22533/at.ed.18820280226	
CAPÍTULO 27	304
ATRAVESSANDO FRONTEIRAS: DANÇA E REABILITAÇÃO NEUROLÓGICA INFANTIL	
Maria Fernanda Silva Azevedo	
DOI 10.22533/at.ed.18820280227	
CAPÍTULO 28	316
ELO: LEGADO CULTURAL CAPIXABA	
Camila Honorio Alves	
DOI 10.22533/at.ed.18820280228	
CAPÍTULO 29	324
CAMINHOS DA PRESENÇA: COM-SENTINDO OUTRAS/OS BAILARINAS/OS POSSÍVEIS	
Daniela Isabel Kuhn Juliana Maria Greca	
DOI 10.22533/at.ed.18820280229	
CAPÍTULO 30	337
DANÇA E CONHECIMENTO: FORMULAÇÕES OU INSURGÊNCIAS DO AGORA	
Márcia Virgínia Mignac da Silva Iara Cerqueira Linhares de Albuquerque	
DOI 10.22533/at.ed.18820280230	

CAPÍTULO 31	349
DANÇAS AFRO-BRASILEIRAS E DE MATRIZ AFRICANA: A ABP E UMA PROPOSTA DE PROJETO INTERDISCIPLINAR NO ENSINO FUNDAMENTAL II	
Joana Maria Santana Torres	
DOI 10.22533/at.ed.18820280231	
CAPÍTULO 32	364
ESPAÇO URBANO, RESISTÊNCIA E LITERATURA: UMA ABORDAGEM TEÓRICA ACERCA DA APROPRIAÇÃO DA CIDADE	
Leandro Souza Borges Silva	
DOI 10.22533/at.ed.18820280232	
CAPÍTULO 33	384
REVITALIZAÇÃO DE ÁREAS PÚBLICAS: DISCURSOS, REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E IDEOLÓGICAS DE HIGIENIZAÇÃO SOCIAL	
Juliana Ferreira Vassolér	
Letícia Leal Lima	
DOI 10.22533/at.ed.18820280233	
SOBRE O ORGANIZADOR	399
ÍNDICE REMISSIVO	400

PROTAGONISMO FEMININO NO CÁLIX DE VINHO DE JULIANA

Data de aceite: 18/02/2020

Jeane de Cássia Nascimento Santos

(DLI) Departamento de Letras da Universidade
Federal de Sergipe (UFS)
Campus Itabaiana/SE

<http://lattes.cnpq.br/4804100141834826>

Antonio Marcos dos Santos Trindade

Secretaria de Estado da Educação de Sergipe -
SEED-SE
Aracaju/SE

<http://lattes.cnpq.br/2967199461384962>

RESUMO: Neste capítulo, a partir da balada ibérica “Juliana”, coligida de D. Helena, de Aracaju/Sergipe, por Jackson da Silva Lima, é feita uma leitura do protagonismo dessa personagem feminina, em seu diálogo intertextual e rapsódico - dentro da tradição literária ocidental marcada pelo scriptocentrismo e viricentrismo - com Brunilda, personagem do épico cavalheiresco *A Canção dos Nibelungos* (*Der Nibelungen Not*). Apoiada em vários autores/as, dentro de uma perspectiva comparativista, a abordagem rastreia a migração do *topos* da traição e da vingança, tanto na balada ibérica quanto na epopeia medieval, apresentando o *locus* existencial e político-cultural feminino como um lugar problemático, dentro do horizonte patriarcal em

que se movem essas personagens.

PALAVRAS-CHAVE: Juliana. Brunilda. Traição. Vingança. Intertextualidade.

FEMALE PROTAGONISM IN JULIANA WINE GLASS

ABSTRACT: In this chapter, from the Iberian ballad “Juliana”, collected from D. Helena, from Aracaju/Sergipe, by Jackson da Silva Lima, a reading of the protagonism of this female character is made, in her intertextual and rhapsodic dialogue – within the western literary tradition marked by scriptocentrism and viricentrism – with Brunilda, character of the chivalrous epic *The Song of the Nibelungs* (*Der Nibelungen Not*). Supported by several authors, from a comparative perspective, the approach tracks the migration from the *topos* of betrayal and revenge, both in Iberian ballad and medieval epic, presenting the existencial and political-cultural feminine *locus* as a problematic place within the patriarchal horizon on which these characters move.

KEYWORDS: Juliana. Brunilda. Betrayal. Revenge. Intertextuality.

1 | INTRODUÇÃO

Propomos aqui fazer uma leitura intertextual do protagonismo de duas

personagens marcantes da tradição literária ocidental. A primeira é Juliana, personagem do romance tradicional homônimo, coligido de D. Helena, de Aracaju/Sergipe, por Jackson da Silva Lima e publicado em seu livro *O Folclore em Sergipe* (LIMA, 1977, p. 289). A segunda é Brunilda, personagem do épico cavaleiresco *A Canção dos Nibelungos* (*Der Niebelungen Not*).

Para tanto, será tomado como texto de apoio a criteriosa tradução em espanhol do filólogo Emílio Lorenzo Criado, *Cantar de los Nibelungos* (1994). Além de analisar o protagonismo dessas personagens femininas e a relação intertextual entre os dois textos cotejados, a abordagem pretende também pôr em discussão o lugar da literatura oral, em sua relação com a literatura erudita (escrita), e o lugar da literatura oral brasileira, dentro do debate sobre literatura nacional e crise de identidade na América Latina. Assim, para começar, conheçamos o texto cantado por D. Helena para Jackson da Silva Lima.

2 | A JULIANA DE D. HELENA

O romance cantado por D. Helena é composto por 24 versos heptassilábicos, as famosas redondilhas maiores, distribuídos em cinco quadras; estâncias, como se sabe, características da poesia oral (SPINA, 2003, p.35-40). Na primeira estrofe, vemos D. Jorge indo visitar Juliana, montado no seu cavalo: “Minha mãe, lá vem D. Jorge / Montado em seu cavalo. / _Deixa vir, ó minha filha, / Para ser interrogado” (LIMA, 1977, p. 289).

Na segunda, temos o diálogo entre Juliana e D. Jorge, em que Juliana – que, como sabemos por comparação com as outras vinte versões desse mesmo romance no próprio *Romanceiro Sergipano* (*Id. Ibid.*, p. 277-304) e em outras fontes (ROMERO, 1883, p. 37-39; MAGALHÃES, 1974, p. 88-90; PIMENTEL; NASCIMENTO; BENJAMIM, 2007, p. 55; LIMA, 1971, 5-20), está para casar-se com D. Jorge, tendo sido pedida recentemente por ele em casamento ao Senhor Conde e à Senhora Condessa, pai e mãe de Juliana - pergunta se é verdade que D. Jorge está para casar-se: “_Ó meu Dom Jorge me disseram / Que tu ias se casar... / _É verdade, ó Juliana, / Vim aqui lhe convidar”.

Na terceira quadra, assistimos, então, à performance astuciosa e vingativa de Juliana, a qual, diante do atrevimento de D. Jorge, que, comprometido com ela, tem a desfaçatez de ir convidá-la para seu casamento com outra, finge aceitar o acinte do ex-noivo e, mostrando-se resignada e humilde, o convida a celebrar o novo compromisso com um cálice de vinho preparado para ele: “_ Ó meu Dom Jorge, espere um pouco” / Enquanto eu subo em meu sobrado / Vou buscar um cálix de vinho / Que pra ti tenho guardado”. Na quarta estância, depois de beber o vingativo cálice de vinho de Juliana, Dom Jorge começa a sentir o seu efeito venenoso: “_

Juliana que botaste / Neste teu cálix de vinho, / Já estou com a vista escura, / Não enxergo meu rucinho”.

Na quinta quadra, temos um diálogo em que Juliana mostra a D. Jorge de que é feito seu protagonismo, diante do desaforo com que ele lhe tratou e pensou que ficaria por isso mesmo: “_Minha mãe bem que pensava / Que seu filho voltasse vivo... / _A minha também pensava / Que com tu eu me casasse”. Na sexta e última estrofe, a Senhora Condessa, mãe de Juliana, assumindo a voz de narradora, toma o lugar dos momentos dramáticos-líricos das estrofes anteriores e, num tom épico, anuncia o final trágico da história: “_Morreu, morreu seu Dom Jorge, / Morreu e se acabou, / Não casou com minha filha / Nem com outra ele casou”.

Apresentado o protagonismo de Juliana, cantado por D. Helena para Jackson da Silva Lima, conheçamos agora a outra personagem da literatura ocidental, igualmente forte e vingativa, personagem do intertexto *A Canção dos Nibelungos* (*Der Niebelungen Not*), com o qual estamos relacionando o romance de D. Helena, a saber: Brunilda.

3 | A VINGANÇA DE BRUNILDA

O épico cavaleiresco anônimo a *Canção dos Nibelungos*, segundo Otto Maria Carpeaux - para quem “[...] a Idade Média não produziu nenhum outro poema trágico assim” -, teria sido redigido por volta “[...] de 1200 ou 1205” (CARPEAUX, 2013, p. 16). Em sua versão espanhola *Cantar de los Nibelungos* (1994), o poema se compõe de dois núcleos narrativos. O primeiro conta a história da morte de Sigfrido, filho de Sigmundo, rei de Xantem. Para casar-se com a rainha Krimilda, irmã dos três reis burgúndios Gunter, Gernot e Giselher, Sigfrido se compromete com Gunter a conquistar, para ele, a invencível valquíria Brunilda, rainha da Islândia, a qual submetia todos os pretendentes a provas físicas que apenas ela conseguia executar.

Disfarçando-se de Gunter com uma capa mágica, Sigfrido, ungido com o sangue do dragão e portador de uma força sobre-humana, consegue dominar a rainha selvagem e dá-la em matrimônio a Gunter. Todavia, tendo Gunter dificuldades para consumir o casamento (todas as noites Brunilda o domina na cama e o deixa preso, pendurado no teto com as mãos amarradas), Sigfrido interfere mais uma vez e, disfarçando-se de Gunter, novamente com a capa mágica, consegue finalmente tirar a virgindade tão ferozmente defendida por Brunilda.

Tempos depois, ao saber às portas da igreja, por Krimilda (que, a essa altura, já é esposa de Sigfrido), que fora Sigfrido quem a deflorara e não seu esposo Gunter, Brunilda articula sua vingança, juntando-se a Gunter e a Hagen de Trónege, poderoso vassalo de Gunter e o seu mais temido guerreiro (Hagen pode ser comparado, para se ter uma ideia do seu valor, ao Aquiles da *Ilíada*), o qual se responsabilizará por

executar a vingança de Brunilda, matando Sigfrido à traição. O segundo núcleo narrativo conta a história da vingança de Krimilda.

Após perder Sigfrido e o tesouro (dos Nibelungos) que ele havia conquistado, o qual Hagen e Gunter tomaram para si, Krimilda se casa com Átila, rei dos hunos, tornando-se extremamente poderosa. Já mãe de um filho de Átila, ela convida, maquinando sua vingança, seus três irmãos para uma festa em seu palácio com o pretexto de celebrarem juntos o nascimento de seu filho. Os três reis, acompanhados de Hagen e de todos os guerreiros burgúndios, vão então a essa festa, na qual acaba acontecendo uma verdadeira carnificina – a concretização da vingança de Krimilda - da qual somente escaparão com vida Átila e alguns dos seus guerreiros mais próximos, morrendo na tragédia a própria Krimilda.

Apesar de estarmos, como se vê, diante do protagonismo de três personagens femininas fortes, Juliana, Brunilda e Krimilda, esta abordagem se limitará a discutir apenas o protagonismo de Juliana e de Brunilda, por aproximá-las o tema da traição, *untruwe* – “deslealdad”, de acordo com Jesús Pérez García (2000, p.167) -, relacionado ao tema da desonra.

Desse modo, deixa-se de lado, nesta abordagem, a vingança de Krimilda, uma vez que ela decorre de outro motivo, o da vingança pela morte do marido, e não por ela ter sido ofendida em sua honra de mulher, como acontecera com Juliana e com Brunilda, as quais, como se mostrou, foram humilhadas pelos respectivos personagens masculinos de seu universo diegético, D. Jorge e Sigfrido respectivamente. A representação da vingança, nesses dois textos rapsódicos, “Juliana” e o *Cantar de los Nibelungos*, forja, assim, uma imagem da mulher indissociável da vingança, da selvageria e da traição, que acaba servindo, dessa maneira, como uma forma de exemplificação de comportamentos que não devem ser imitados, dentro de um projeto pedagógico de domesticação da mulher levado a cabo, na Europa medieval, pela Igreja Católica e pela nobreza feudal, conforme mostra Georges Duby, “[...], essa literatura era de fato pedagógica” (DUBY, 1995, p. 85).

Quando se fala aqui de texto rapsódico, é preciso que se explique que, numa tradição rapsódica (tradição oral), os textos se alimentam de textos, num processo intensamente dialógico que caracteriza, como diz Mário Chamie, uma relação integrada de interdependência e complementaridade: “[...]: um intertexto” (CHAMIE, 1963, p. 9). A escrita rapsódica é, desse modo, conforme o ensaísta: “[...] a escrita dialógica por excelência” (*Id. Ibid*, p. 10).

4 | INTERTEXTUALIDADE, VIRICENTRISMO E SCRIPTOCENTRISMO

Discutindo o problema da relação entre as literaturas, tanto a escrita quanto a oral, bem como entre as literaturas europeias e as periféricas, a partir de uma

perspectiva ao mesmo tempo filosófica, semiótica e psicanalítica, Julia Kristeva desloca o conceito de intersubjetividade, comum em abordagens mais tradicionais, marcadas por uma visão ideológica dessas relações, nas quais a literatura escrita é vista como superior à oral e as literaturas europeias são vistas como superiores às periféricas, substituindo-o pelo conceito de intertextualidade, reduzindo, desse modo, a problemática das relações entre obras literárias a um “diálogo de textos” (NITRINI, 2015, p. 162). Dando continuidade às reflexões de Kristeva, Laurent Jenny insiste em que a intertextualidade é constitutiva da obra literária e que fora “[...] da intertextualidade, a obra literária seria muito simplesmente incompreensível, tal como a palavra numa língua ainda desconhecida” (JENNY, 1979, p. 5).

Por sua vez, Tiphaine Samoyault relaciona a intertextualidade à memória literária. Segundo a autora, “O que é ela (a intertextualidade), com efeito, senão a memória que a literatura tem de si mesma?” (SAMOYAULT, 2008, p. 10). Assim, para a autora, a análise da noção de intertextualidade envolve uma verdadeira reflexão sobre a memória da literatura e sobre a natureza, as dimensões e a mobilidade de “[...] seu espaço, e especialmente sobre o jogo da referência – o remeter da literatura para si mesma – e da referencialidade – liame da literatura com o real.” (*Id. Ibid.* p. 11).

E o real a que se referem essas literaturas, tanto “Juliana”, quanto o *Cantar de los Nibelungos*, é o contexto histórico do feudalismo (GARCÍA, 2000, p.167), período do auge do patriarcado ocidental, no qual essas literaturas, além de cumprirem uma função lúdica e estética, visavam igualmente transmitir uma moral: a moral que pretendiam propagar os príncipes mecenas, os quais, para essa finalidade, sustentavam em seus palácios os poetas e montavam os poemas como espetáculo (DUBY, 1995, p. 84-85). No Brasil, coube à Igreja Católica do período colonial o papel de educadora a serviço do patriarcado local, repercutindo os efeitos ideológicos de seus ensinamentos no universo cultural do homem do sertão brasileiro até o início do século XX, pelo menos. Gilberto Freyre comenta que, no período colonial brasileiro, “[...], esposas e filhos se achavam quase no mesmo nível dos escravos” (FREYRE, 1992, p. 421).

Um outro testemunho relevante sobre o patriarcalismo no Nordeste é o do sociólogo Orlando Dantas, o qual diz, em seu livro *A Vida Patriarcal de Sergipe* (1980), que o patriarcalismo predominou na época da Colônia, do Império e até o meado do século XX, sobretudo entre os senhores-de-engenho do Nordeste brasileiro. Segundo esse autor, os chefes das famílias exerciam um poder absoluto sobre os filhos, procurando, através de casamentos, aumentar o rico patrimônio. Diz o escritor: “Eram enlaces matrimoniais de interesse. Muitas vezes as noivas desconheciam pessoalmente os seus futuros esposos” (1980, p. 32-33). Além desses autores, aprofundam a discussão sobre o tema, os estudos de Duby sobre

damas medievais (1997); os de Pierre Bourdieu sobre dominação masculina (1999), os de Luiz Mott sobre Sergipe colonial e imperial (2008) e os de Sérgio Buarque de Holanda sobre o “homem cordial” (1995, p. 139-152).

Essas personagens devem ser abordadas, portando, tendo-se em mira esse horizonte patriarcal e os arquivos culturais nos quais elas foram criadas e sobrevivem. Esses arquivos não estão registrados, todavia, apenas na literatura, mas, antes, estão, como mostra Michelle Perrot, registrados como discursos e imagens em todos os lugares: “Podem ser achadas em bibliotecas, local do impresso, dos livros e dos jornais; como nos arquivos públicos ou privados” (PERROT, 2007, p. 26). A compreensão do que está por trás dessas representações literárias, “Juliana” e o *Cantar de los Nibelungos*, exige, desse modo, vê-las em sua relação com a ideia de herança e de mal de arquivo, de acordo com as reflexões de Jacques Derrida (2001). Para esse filósofo, o fantasma da violência cultural paira sobre os arquivos históricos e se revelam nas manifestações literárias, tanto as das tradições orais e periféricas, quanto as da tradição escrita europeia, bem como faz parte ainda, como lembra Carlos Magno Gomes, “[...] da coleção literária da América Latina” (2018, p. 114). O mal está, dessa forma, globalizado como “[...] um mal de arquivo” (*Id. Ibid*, p. 111).

Esse mal, por sua vez, decorre do viricentrismo, ou seja, da predominância de uma ideologia calcada na fixação do falo e da força viril do macho como os centros convergentes da dominação centrada no gênero masculino - o falocentrismo, como Derrida prefere -, e modelo para as construções historiográficas ocidentais. A historiografia literária ocidental canônica teria sido assim, segundo Ria Lemaire, fundamentada nessa perspectiva, bem como na ideia, igualmente ideológica, de que a tradição escrita e ocidental é a que deve ser levada em conta, e não as tradições orais.

Em “Reler a Idade Média – repensar estudos medievais”, a autora afirma, na esteira de Paul Zumthor, que o conflito entre o mundo da oralidade e o da escrita, entre um saber/conhecimento baseado na realidade da vida, na sua experiência e observação, e o saber trazido pelos livros e a ciência livresca, teve como base e razão de ser “[...] um conflito político entre classes sociais, entre elite e povo, [...]” (LEMAIRE, 2015, p. 14). Essa perspectiva que desconsidera o valor da literatura oral, de acordo com a medievalista, convém a pesquisadores encarcerados em uma perspectiva de literatura unicamente “scriptocêntrica” – ou grafocêntrica, como quer Paul Zumthor (2014) -, quer dizer: uma perspectiva que considera literatura apenas obras autorais produzidas dentro dos horizontes de expectativa da cultura letrada. O scriptocentrismo e o viricentrismo, faces do etnocentrismo, marcam, portanto, de acordo com Lemaire, a historiografia literária ocidental canônica.

5 | LITERATURAS PERIFÉRICAS E ORAIS, ALTAS LITERATURAS E LITERATURA EUROPEIA

A ruptura com essa tradição ocidental canônica tem sido discutida dentro de uma perspectiva pós-estruturalista, no horizonte da pós-modernidade. Autores como Silviano Santiago, Eduardo Coutinho, Marilene Weinhardt, José Luís Jobim, Carlos Magno Gomes, entre outros autores voltados para os estudos de Literatura Comparada o alimentam, no horizonte do debate sobre dependência ou independência, em relação às identidades herdadas ou adquiridas. Em “Uma literatura anfíbia”, Silviano Santiago (2004, p. 111-121) propõe uma leitura que contemple, ao lado da análise estética de uma obra, igualmente, ou até com mais ênfase, o lado político implicado na referencialidade que a obra propõe (isto é, na ligação da obra com o real, de que fala Samoyault), numa postura política acerca do debate que se põe em relação ao lugar das literaturas periféricas e orais, frente ao que vem sendo chamado de “altas literaturas” (PERRONE-MOISÉS, 1998), ou seja: a literatura europeia (CURTIUS, 2013).

Dentro dessa perspectiva revisionista e crítica da dominação canônica europeia, identificada no processo de rebeldia proposto por Santiago como a marca original do escritor latino-americano em ruptura com a herança colonizadora – a qual, por sua vez, se dá na esteira das reflexões de Derrida sobre a escrita como o *pharmakón* de Platão, identificada pelo filósofo franco-argelino como uma cena de traição e entendida por ele como um ato de perversão parricida (GOMES, 2018, p. 113) – torna-se incontornável refletir sobre os dados sociológicos fornecidos por Jackson da Silva Lima sobre as portadoras e transmissoras da tradição oral compilada pelo folclorista. Entre elas, encontram-se, por exemplo: lavadeiras, roceiras, empregadas domésticas e “donas de casa”, mas também funcionárias públicas federal e estadual, professoras primárias, estudantes, enfermeiras e auxiliares de enfermagem, comerciárias, ex-operárias, assistentes sociais, ao lado de feirantes, costureiras, verdureiras, mendigas (entre as quais uma cega) e uma que se descreve como ex-prostituta e mãe de santo (LIMA, 1977, p. 570). Os dados sobre D. Helena fornecidos pelo compilador são: idade, acima de 40 anos; cor: parda; escolaridade: semialfabetizada; profissão: enfermeira.

A memória romancística dessas mulheres, memória que é um arquivo da violência colonial plasmada em melodias e narrativas que lhes ensinam seu lugar na cultura, é, no entanto, o que as aproxima em suas diferenças. Graças à crítica, renovação e ampliação do cânone, exigida pelo revisionismo da Desconstrução, característica das abordagens teóricas pós-modernas – Pós-Colonialismo, Estudos de Subalternidade e Estudos Culturais – a literatura oral que essas mulheres produzem sem pretensão artística – apenas enquanto “prática cultural” ou “arte de

viver”, segundo categorias de Michel de Certeau (1998) - encontrou seu lugar nos estudos literários contemporâneos através dos debates sobre literatura nacional e crise de identidade na América Latina.

Eduardo Coutinho assinala: “[...] os intelectuais latino-americanos vêm tornando audível um grande número de vozes que haviam sido silenciadas há séculos” (COUTINHO. In: LÚCIO e MACIEL, 2013, p. 38). Certamente, a literatura oral brasileira tem um papel importante nesse debate, como reconhece inclusive um europeu, como Teófilo Braga, que, em seu prefácio à primeira edição de *Cantos populares do Brasil*, de Sílvio Romero, publicado em Portugal, diz que o Brasil, cuja poesia tanto desvairou pela imitação do subjetivismo byroniano, cuja literatura nascente se amesquinhou seguindo durante longo tempo o nosso atrasado “[...] romantismo europeu, só poderá achar o seu caracter original conhecendo e compreendendo o elemento ethnico das suas tradições populares¹” (BRAGA. In: ROMERO, 1883, p. x).

O que ocorre é que a literatura oral é um fenômeno de produção cultural característico das classes dominadas, os não escolarizados, aqueles desprovidos de títulos que legitimem os seus saberes. Convém lembrar, todavia, que até as obras fundamentais da cultura erudita do Ocidente, como os poemas épicos homéricos, *Ilíada* e *Odisseia*, sem falar na própria *Bíblia* e no próprio *Cantar de los Nibelungos*, passaram séculos sobrevivendo na oralidade, até serem recolhidos, copiados, revisados e finalmente publicados, conforme nota Bráulio Tavares (2005, p. 107).

Desse modo, podemos dizer que, assim como as versões que as cantadeiras transmitiram ao compilador Jackson da Silva Lima caracterizam-se pelo trânsito entre a cultura erudita (letrada) e a cultura popular - a circularidade que Mikhail Bakhtin (1993) e Carlo Ginzburg (2006) estudaram -, essas narradoras devem semelhantemente ser abordadas na especificidade de seu lugar de performance. E esse lugar deve ser visto como o lugar da *interface* entre a cultura dos códigos altos e a cultura do povo.

Um entrelugar, pois, conforme ensina Homi Bhabha: “[...], é o “inter” – o fio cortante da tradução e da negociação, o entre-lugar – que carrega o fardo do significado da cultura. [...]” (BHABHA, 2007, p. 69). Esse lugar intersticial no qual se encontram as romaneiras faz de sua literatura oral, portanto, um referencial identitário privilegiado, no debate sobre literatura nacional, crise de identidade na América Latina, dependência cultural e ruptura antropofágica, tal como esse debate é apresentado por Santiago, em seu texto seminal sobre o entre-lugar do discurso latino-americano (SANTIAGO, 2000, p. 9-26).

Aí, ele afirma que a postura revisionista exigida por uma prática coerente com a violência herdada do processo de colonização (o qual se perpetua nas atualizações dos pensadores europeus que continuam ocupando o lugar de fornecedores de

1 Na citação, a ortografia usada pelo autor foi mantida.

teorias científicas, sociológicas ou filosóficas para as nações periféricas à Europa), não pode esquecer-se de que é preciso falar a partir do contra, em relação a esse eurocentrismo dominante: “Falar, escrever, significa: falar contra, escrever contra” (*Id. Ibid.*, p. 17).

6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura intertextual desse texto rapsódico, o romance “Juliana”, pondo-o em diálogo com o intertexto *Cantar de los Nibelungos*, proporciona compreender de forma mais abrangente, como se procurou mostrar, o drama feminino que se enraíza em uma tradição de dominação masculina forjada através de “tecnologias do gênero”, segundo a categoria usada por Teresa de Lauretis (In: HOLLANDA, 1994, p. 206-242). Conforme essa autora, o gênero vem sendo construído, desde sempre, através das várias tecnologias discursivas, a saber: os discursos fílmicos, médicos e jurídicos. Além também de ser construído, na vida diária, através do contrato de casamento heterossexual, em que relações de gênero reproduzem a ideologia de gênero.

Locus de garantia do patrimônio que exclui e trata como questão menos relevante o amor, representado nessas obras por essas personagens traídas e vingativas, o casamento é-lhes uma imposição incontornável que as aprisiona e comanda dentro do contexto diegético em que elas se movem. Suas vinganças, portanto, estão representando, na tradição literária ocidental, o preço que os personagens masculinos devem pagar por suas perjuras ao amor prometido em nomes desses casamentos vantajosos, os quais fazem da vida das personagens femininas uma peça, num jogo entre homens.

Depois da abordagem desses dois poemas, “Juliana” e *Cantar de los Nibelungos*, da discussão sobre a relação intertextual existente entre eles, bem como sobre o lugar da literatura oral (e rapsódica) na formação da literatura nacional e no debate sobre sua dependência/independência frente à literatura mundial (europeia), e da reflexão sobre o protagonismo das personagens femininas Juliana e Brunilda (passando rapidamente pelo protagonismo de Krimilda), podemos dizer, para concluir, que a literatura oral dessas cantadeiras, ao encontrar um lugar nos estudos literários, representa um revisionismo crítico do scriptocentrismo e do viricentrismo.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento**. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1993.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis,

Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

CANTAR DE LOS NIBELUNGOS. Edición e traducción de Emilio Lorenzo Criado. Madrid: Cátedra S. A., 1994.

CARPEAUX, Otto Maria. **A história concisa da literatura alemã**. Posfácio de Willi Bolle. 1ª ed. São Paulo: Faro Editorial, 2013.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 3ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

CHAMIE, Mario. **Intertexto: a escrita rapsódica – ensaio de leitura produtora**. São Paulo, 1970.

COUTINHO, Eduardo F. O conceito de “literatura nacional” e a crise de identidade na América Latina. In: LÚCIO, A. C. M.; MACIEL, D. A. V. (Org.). **Memórias da borboleta: reflexões em torno de regional**. Campina Grande: Abralic, 2013, p. 27-41.

CURTIUS, Ernest Robert. **Literatura Europeia e Idade Média Latina**. Tradução Teodoro Cabral (com colaboração de Paulo Rónai). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

DANTAS, Orlando Vieira. **A Vida Patriarcal de Sergipe**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

DERRIDA, Jacques. **Mal de arquivo: uma impressão freudiana**. Tradução de Claudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

DUBY, Georges. **Heloísa, Isolda e outras damas do século XII: uma investigação**. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. **Damas do século XII – a lembrança das ancestrais**. Tradução Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. Rio de Janeiro: Record, 1992.

GARCÍA, Jesús Pérez. “El Cantar de los Nibelungos. Historicidad y feudalismo en la épica alemana”. In: **Edad Media: Revista de Historia**, Nº 3, 2000, p. 155-174. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=197016>. Acesso em 21/10/2019.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição**. São Paulo: Companhia das letras, 2006.

GOMES, Carlos Magno. “A herança política de Silviano Santiago”. **Todas as letras**, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 11-121, maio/ago. 2018.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. “O homem cordial”. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 139-152.

JENNY, Laurent. “A estratégia da forma”. In: JENNY, Laurent et alii. **Intertextualidades**. Coimbra, Livraria Almedina, 1979, p. 5-49.

LAURETIS, Teresa de. “A tecnologia do gênero”. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. (Org.). **Tendências e impasses**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 206-242.

- LEMAIRE, Ria. “Reler a Idade Média – repensar os estudos medievais”. **Revista Graphos** (UFPB/PPGL), v. 17, nº 2, 2015, p. 5-15.
- LIMA, Jackson da Silva. **O Folclore em Sergipe. 1: Romanceiro**. Rio de Janeiro, Cátedra; Brasília: INL, 1977.
- LIMA, Rossini Tavares de. **Romanceiro Folclórico do Brasil**. São Paulo: Irmãos Vitale Editores Brasil, 1971.
- MAGALHÃES, Celso de. **A poesia popular brasileira**. Introdução e notas de Braulio do Nascimento. Rio de Janeiro: Divisão de Publicações e Divulgação. (Coleção Rodolfo Garcia, 1973).
- MOTT, Luiz. **Sergipe Colonial & Imperial: religião, família, escravidão e sociedade – 1591 – 1882**. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviedo Teixeira, 2008.
- NITRINI, Sandra. **Literatura Comparada: História, Teoria e Crítica**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Altas Literaturas: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Tradução Angela M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007.
- PIMENTEL, Altamar de Alencar; NASCIMENTO, Bráulio do; BENJAMIM, Roberto Emerson Câmara. **Romanceiro da Tia Beta**. João Pessoa: Fundo de Incentivo à Cultura Augusto dos Anjos, 2007.
- ROMERO, Sylvio. **Cantos Populares do Brazil**. Vol. 1. Lisboa: Nova Livraria Internacional Editora, 1883.
- SAMOYAUULT, Tiphaine. **A intertextualidade**. Tradução de Sandra Nitrini. São Paulo: Aderaldo&Rothschild, 2008.
- SANTIAGO, Silvano. “Uma literatura anfíbia”. In: SANTIAGO, Silvano. **O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004, p. 111-121.
- _____. “O entre-lugar do discurso latino-americano”. In: SANTIAGO, Silvano. **Uma literatura nos trópicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 9-26.
- SPINA, Segismundo. **Manual de versificação medieval**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- TAVARES, Braulio. **Contando histórias em versos: Poesia e Romanceiro Popular no Brasil**. São Paulo: Ed. 34, 2005.
- ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. Tradução Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Cosac Naif, 2014.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Análise do discurso 9, 15, 16, 384, 387

Aparecido alves machado 173, 174, 179, 180, 181, 182, 190, 191

Aprendizagem 19, 20, 21, 28, 29, 31, 32, 33, 34, 35, 39, 44, 45, 47, 48, 49, 50, 54, 55, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 71, 73, 75, 76, 85, 86, 87, 90, 91, 94, 96, 98, 99, 100, 105, 108, 109, 114, 117, 118, 119, 121, 123, 124, 126, 150, 155, 158, 159, 160, 270, 274, 275, 277, 278, 280, 281, 282, 294, 306, 308, 309, 310, 311, 312, 314, 315, 349, 350, 355, 358, 359, 360, 361, 362, 363

C

Cinderelas do campo 173, 174, 175, 179, 180, 182, 183, 184, 190, 191, 192

Compreensão oral 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 84

Comunicação 25, 28, 32, 46, 47, 65, 66, 67, 69, 70, 73, 77, 78, 80, 81, 85, 87, 88, 89, 91, 94, 96, 97, 105, 106, 122, 125, 143, 144, 149, 157, 160, 161, 180, 272, 273, 274, 277, 288, 293, 295, 299, 306, 309, 337, 339, 340, 342, 347, 348, 376, 378, 398

Conhecimento 2, 7, 15, 18, 19, 20, 21, 23, 24, 25, 26, 29, 30, 32, 34, 35, 36, 37, 41, 48, 49, 51, 54, 55, 65, 69, 70, 71, 72, 77, 78, 80, 82, 94, 96, 97, 98, 99, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 109, 114, 117, 118, 121, 123, 137, 151, 152, 159, 164, 166, 167, 169, 211, 223, 247, 254, 268, 269, 273, 274, 275, 278, 279, 280, 281, 298, 303, 304, 306, 311, 313, 314, 316, 317, 319, 321, 324, 328, 329, 331, 333, 334, 337, 343, 344, 345, 347, 351, 352, 360, 387

Corpo 13, 113, 136, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 166, 167, 168, 169, 203, 219, 222, 223, 224, 225, 230, 231, 235, 237, 239, 278, 280, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 305, 306, 308, 309, 310, 311, 313, 314, 315, 316, 317, 318, 319, 323, 324, 325, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 341, 342, 343, 344, 345, 346, 347, 348, 351, 355, 356, 357, 358, 361, 368

Currículo 17, 33, 37, 68, 69, 71, 72, 115, 117, 118, 121, 125, 232, 303, 351, 360

D

Discurso 8, 9, 10, 15, 16, 17, 27, 33, 39, 45, 78, 96, 97, 98, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 111, 115, 121, 122, 123, 124, 126, 129, 130, 131, 142, 154, 158, 213, 216, 217, 219, 221, 222, 223, 226, 227, 229, 230, 231, 251, 254, 266, 283, 286, 292, 297, 335, 344, 347, 364, 368, 369, 374, 378, 379, 381, 384, 385, 386, 387, 388, 391, 392, 393, 394, 397, 398

E

Encontro 36, 37, 45, 49, 53, 54, 83, 92, 101, 134, 150, 151, 153, 157, 158, 159, 160, 161, 219, 230, 263, 274, 284, 290, 294, 297, 298, 316, 325, 326, 335, 337, 344, 348

Ensino de gramática 43, 44, 45, 46, 47, 63, 89

Ensino de língua 21, 23, 28, 30, 45, 48, 63, 66, 68, 73, 85, 119, 122, 123, 124, 127

Ensino de línguas 31, 33, 35, 36, 41, 74, 87, 88, 89, 119, 120, 125

Estratégias didático 17, 18, 22

Ética 88, 125, 126, 150, 157, 159, 162, 231, 261

F

Formação continuada de professores 41, 117

Formação do professor 31, 126

G

Gêneros textuais 26, 43, 44, 47, 50, 63, 85, 86, 87, 89, 91, 92, 123

I

Indígena 193, 194, 196, 197, 198, 200, 201, 202, 203, 204, 358

L

Letramentos 17, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 40, 93, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104

Linguagem jornalística 9

Língua inglesa 1, 6, 7, 8, 31, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 74, 75, 76, 81, 83, 84, 126, 139, 364

Língua portuguesa 4, 8, 9, 15, 16, 17, 18, 38, 44, 45, 47, 48, 64, 65, 66, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 85, 86, 89, 90, 91, 93, 94, 101, 102, 105, 107, 122, 124, 127, 128, 148, 149, 205, 217, 222, 364, 399

Língua portuguesa para surdos 73

Línguas estrangeiras 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 74, 75, 118, 247

Linguística aplicada 18, 32, 41, 97, 100, 102, 103, 117, 118, 119, 120, 122, 123, 125, 126, 127

Literatura 5, 6, 18, 43, 44, 49, 50, 51, 52, 54, 55, 60, 64, 94, 100, 102, 105, 107, 108, 109, 110, 115, 128, 129, 130, 132, 133, 134, 137, 138, 142, 144, 146, 148, 149, 163, 164, 165, 168, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 184, 188, 190, 191, 192, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 227, 231, 233, 241, 247, 248, 252, 257, 258, 259, 262, 265, 266, 267, 269, 338, 364, 367, 368, 378, 379, 382, 384

Literatura de cordel 43, 44, 49, 50, 51, 52, 54, 55, 60, 64

Literatura sul-mato-grossense 173, 174, 175, 177, 178, 179, 180, 181, 190, 191, 192

Lugar das línguas 1

M

Mapuche 193, 194, 197, 198, 201, 202, 204, 205

Monitoria de língua portuguesa 93

Moodle 74, 75, 76, 80, 81, 83, 84

Mulher 112, 163, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 173, 174, 190, 191, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 200, 201, 202, 204, 209, 239, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 288, 289, 290, 291, 332, 333, 334

Multimodalidade 31, 32, 33, 34, 35, 37, 41

O

O cortiço 112, 115, 163, 164, 165, 167, 168, 171, 172

Oralidade 24, 28, 29, 37, 40, 51, 54, 85, 86, 87, 89, 90, 105, 106, 107, 108, 109, 111, 114, 115, 211, 213, 276, 277

P

Pedagógicas 17, 18, 22, 39, 50, 65, 66, 69, 71, 72, 73, 78, 84, 85, 87, 92, 93, 121, 155, 157, 158, 159, 332, 334

Perspectiva bilíngue 65, 66, 72

Podcast 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92

Poesia 49, 50, 129, 130, 131, 132, 133, 135, 136, 137, 139, 140, 144, 145, 147, 148, 149, 165, 173, 177, 180, 188, 190, 207, 213, 216, 260, 299, 374

Política 1, 6, 7, 8, 88, 114, 120, 121, 150, 151, 154, 155, 156, 157, 159, 161, 169, 177, 183, 187, 191, 201, 212, 215, 225, 231, 242, 250, 261, 266, 286, 292, 326, 329, 345, 348, 365, 366, 372, 375, 376, 377, 381, 385, 390, 392

Política linguística 1, 7, 8

Práticas pedagógicas 39, 50, 65, 66, 69, 71, 72, 121

Professores de língua materna 17

Proficiência 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 21, 80, 103

R

Representação feminina 163, 168

Romantismo 133, 135, 136, 144, 145, 173, 174, 175, 176, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 188, 190, 191, 192, 213, 241, 259, 260, 261, 262, 267, 269

S

Sequência didática 43, 44, 49, 51, 52, 54, 55, 64, 85, 90

Simão Dias 163, 164, 165, 167, 168, 169, 170, 171, 172

Subalternidade 193, 201, 212, 374

Subordinação 193, 194, 195, 196, 197, 198, 200, 201, 202, 204

T

Tecnologias digitais de informação 85

V

Videoclipe musical 31, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40

 **Atena**
Editora

2 0 2 0